

Autores Bestsellers do New York Times

ADAM SILVERA e BECKY ALBERTALLI

E SE FORMOS NÓS

NOMEADO
PRÉMIO goodreads

MELHOR LIVRO
DE FICÇÃO YOUNG ADULT



TOP
SEL
LER
#Bliss

«Um romance alegre, cativante e enriquecedor.»

Kirkus Reviews

*Para Brooks Sherman,
um agente do universo que nos juntou.
A Andrew Eliopoulos e a Donna Bray,
que fizeram o nosso universo maior.*

PARTE UM

E se

1

ARTHUR

Segunda-feira, 9 de julho

Não sou nova-iorquino e quero ir para casa.

Quando se vive aqui há tantas regras implícitas a cumprir, como nunca parar de repente no meio do passeio, nunca ficar a sonhar acordado enquanto se olha para os arranha-céus, ou nunca parar para ler *graffiti*. Nada de mapas desdobráveis gigantes, nada de bolsas à cintura, nada de contacto ocular com as pessoas. Nada de murmurar as canções do *Caro Evan Hansen*. E não devemos nunca, nunca, tirar *selfies* nas esquinas, mesmo que atrás de nós esteja uma banca de cachorros-quentes e uma fila de táxis amarelos, coisas que, estranhamente, nos vêm à cabeça assim que pensamos em Nova Iorque. Podemos apreciar estas coisas todas, mas silenciosamente, com uma atitude fixe. Pelo que consigo perceber, é esse o grande objetivo de Nova Iorque: ser fixe.

Eu não sou fixe.

Por exemplo, hoje de manhã. Cometi o erro de olhar para o céu, só por um instante, e agora não consigo descolar os olhos. Ao olhar para cima deste ângulo parece que o mundo está a inclinar-se para dentro: os arranha-céus são tão altos que provocam tonturas e o sol parece uma bola de fogo.

É lindo. Reconheço a beleza de Nova Iorque. É uma cidade linda e surreal, nada parecida com a Geórgia. Viro o telemóvel para

tirar uma fotografia. Não faço uma História para o *Instagram*, não escolho filtros. Não componho a imagem.

Tiro só uma fotografia simples e rápida.

E segue-se a raiva instantânea dos pedestres: *Jesus. Despacha-te, meu. TÁ A ANDAR. Turistas de merda*. Literalmente, parei dois segundos para tirar uma fotografia e agora sou a personificação da obstrução na cidade. Sou o responsável por todos os atrasos do metro, todas as ruas fechadas, até pelo fenómeno da resistência ao vento.

Turistas de merda.

Nem sequer sou um turista. Vivo mais ou menos aqui na cidade. Pelo menos durante o verão. E até parece que ando a passear e a ver as vistas ao meio-dia de uma segunda-feira. Estou a trabalhar. Quero dizer, vou num instante ao Starbucks, mas também conta como trabalho.

E talvez esteja a ir pelo caminho mais longe. Talvez precise de ficar mais uns minutos fora do escritório da mãe. Ser estagiário já costuma ser mais entediante do que terrível, mas hoje está a ser especialmente merdoso. Sabem aquele tipo de dia em que a impressora fica sem papel, não há mais no armazém, por isso tentamos roubar algum da fotocopadora, mas não conseguimos abrir a gaveta e depois carregamos num botão qualquer e a máquina começa a apitar? E ficamos ali a pensar que quem quer que inventou as fotocopadoras está a *isto* de ser espancado? Por mim. Por um miúdo judeu de 1 metro e 70 de altura, com Transtorno de Défice de Atenção e Hiperatividade e a fúria de um tornado dentro de si? Sabem esse tipo de dia? Pois.

A única coisa que me apetece fazer é queixar-me ao Ethan e à Jessie, mas ainda não aprendi a caminhar e a escrever mensagens ao mesmo tempo. Saio do passeio e aproximo-me da porta dos correios e uau! Não se fazem correios destes em Milton, Geórgia. A fachada exterior é de pedra, com grandes colunas e detalhes em bronze, e é tão dolorosamente clássica que sinto que não estou vestido adequadamente. E estou de gravata.

Tiro uma fotografia à rua brilhante e envio-a por mensagem para o Ethan e para a Jessie. Um dia difícil no escritório!

A Jessie responde-me de imediato. Odeio-te e quero estar na tua pele agora mesmo!

É o seguinte: a Jessie e o Ethan são os meus melhores amigos desde o início dos tempos e com eles sou sempre o Arthur Verdadeiro. O Arthur Confuso e Solitário em vez de o Arthur Sempre Animado no *Instagram*. Mas por algum motivo, preciso que eles pensem que a minha vida em Nova Iorque é completamente espetacular. Não sei bem porquê, mas é o que quero. Por isso, há semanas que lhes envio mensagens do Arthur Sempre Animado no *Instagram*. Mas não tenho a certeza se eles estão a acreditar em mim.

E tenho saudades tuas, diz a Jessie, seguido por uma linha inteira de *emojis* a mandar beijinhos. Ela é como a minha avó, mas no corpo de uma rapariga de 16 anos. Se pudesse mandava-me uma mensagem que deixasse marcas de batom na minha bochecha. O mais estranho é que nunca tivemos uma amizade daquelas melosas, pelo menos não até à noite do baile de finalistas. Que por acaso foi quando lhes disse que sou gay.

Também tenho saudades vossas, admiti.

ANDA PARA CASA, ARTHUR.

Só faltam quatro semanas. Não que esteja a contar os dias.

O Ethan responde finalmente à mensagem com o *emoji* mais ambíguo de todo o sempre: a careta. Oh, vá lá. O *emoji* careta? Se a Jessie pós-baile de finalistas me envia mensagens como se fosse minha avó, o Ethan pós-baile de finalistas envia-me mensagens como se fosse um mimo. Na maior parte das vezes não se sai muito mal nas mensagens de grupo, mas nas mensagens só entre nós? Basta dizer que o meu telemóvel deixou de ser inundado com as mensagens dele cerca de cinco segundos depois de me ter assumido perante eles. E não vos vou mentir: é a sensação mais merdosa de sempre. Um destes dias vou confrontá-lo e não vai demorar muito. Talvez até o faça já hoje. Talvez...

Mas depois as portas dos correios abrem-se e revelam — não estou a gozar — um par de gémeos idênticos com macacões a condizer. Bigodes hirtos que impõem respeito. O Ethan ia *adorar* isto. O que me irrita tremendamente. Isto acontece constantemente com o Ethan. Há um minuto estava pronto para cair em cima dele por causa dos *emojis* ambíguos. Agora só quero ouvi-lo a rir. Dei uma volta emocional de 180 graus no espaço de 60 segundos.

Os gémeos passam por mim e vejo que têm ambos puxos. Claro que têm. Nova Iorque deve ser um planeta por direito próprio, juro, porque ninguém sequer pestaneja.

Exceto.

Vem um rapaz a caminhar em direção à entrada, com uma caixa de cartão na mão, e para literalmente de andar quando os gémeos passam por ele. Tem uma expressão tão confusa no rosto que solto uma gargalhada sonora.

E ele cruza o olhar com o meu.

A seguir sorri.

E, oh, caraças.

Estou a falar a sério. Deus do céu. É só o rapaz mais giro que já vi. Talvez seja do cabelo, das sardas ou do tom corado das bochechas. E digo isto como uma pessoa que nunca prestou atenção às bochechas de ninguém. Mas as bochechas dele são dignas de atenção. Tudo nele é digno de atenção. Cabelo castanho perfeitamente desalinhado. Calças de ganga justas, sapatos meio esfolados, t-shirt cinzenta com as palavras «Dream & Bean Coffee» quase invisíveis por baixo da caixa. É mais alto do que eu. Pronto, está bem, os rapazes são quase todos mais altos do que eu.

E continua a olhar para mim.

É preciso contabilizar 20 pontos para Gryffindor, porque consigo sorrir-lhe.

— Achas que estacionaram a bicicleta dupla em frente à barbearia onde arranjaram os bigodes?

A gargalhada espantada dele é tão engraçada que até fico com tonturas.

— Definitivamente na barbearia que também funciona como galeria de arte e microfábrica de cerveja artesanal — diz ele.

Ficamos ali por um instante a sorrir um para o outro sem falar.

— Hum, vais entrar? — pergunta ele finalmente.

Olho para cima para a porta.

— Vou.

E entro. Vou atrás dele até ao posto dos correios. Nem sequer é uma decisão consciente. Ou se é, foi o meu corpo que a tomou. Há qualquer coisa nele. Sinto uma pontada no peito, uma sensação de que *tenho* de o conhecer, como se fosse algo inevitável.

Pronto, estou prestes a admitir uma coisa e é provável que vocês se arrepiem com isto. Até é provável que já estejam um pouco arrepiados, mas paciência. Ouçam-me até ao fim.

Eu acredito no amor à primeira vista. Acredito no destino, no universo, nessas coisas todas. Mas não da forma que estão a pensar. Não é uma cena do tipo: as nossas almas foram separadas e tu és a minha cara-metade para toda a eternidade. Acredito apenas que há pessoas que estamos destinados a conhecer e que o universo nos dá uma ajudinha para as colocar no nosso caminho.

Mesmo numa segunda-feira à tarde qualquer em julho. Mesmo em frente ao posto dos correios.

Mas sejamos honestos. Isto também não é um posto dos correios qualquer. É suficientemente grande para fazer um baile de gala, com o chão brilhante e filas e filas de caixas postais numeradas e esculturas verdadeiras, como se fosse um museu. O Rapaz da Caixa dirige-se a um pequeno balcão perto da entrada, pousa a caixa ao seu lado e começa a preencher o impresso de envio.

Por isso tiro um impresso de Correio Prioritário de uma prateleira próxima e deslizo em direção ao balcão onde ele está. De forma superdescontraída. Isto não tem de ser uma situação esquisita. Só preciso de encontrar as palavras certas para manter a conversa.

Para ser sincero, normalmente sou muito bom a falar com desconhecidos. Não sei se é uma coisa própria da Geórgia ou uma coisa própria do Arthur, mas se estiver um velhote na mercearia lá estou eu, a verificar o preço do sumo de ameixa para o ajudar. Se estiver uma senhora grávida ao meu lado no avião, quando aterrarmos ela já deu o meu nome ao filho ainda por nascer. É a única coisa que tenho a meu favor, o jeito com as pessoas.

Ou pelo menos tinha, até hoje. Acho que nem consigo formular sons. Parece que a minha garganta está a implodir. Mas tenho de canalizar a minha personalidade nova-iorquina: calma e descontraída. Olho para ele com um sorriso tímido. Inspiro profundamente e...

— Tens aí um grande pacote.

Oh... merda.

As palavras saem-me em catadupa.

— Não queria dizer *pacote*. Era só. A tua caixa. É muito grande. — Afasto as mãos para demonstrar, porque aparentemente é a única forma de lhe mostrar que as minhas palavras não tinham segundas intenções.

O Rapaz da Caixa franze a testa.

— Desculpa. Eu não... juro que não costumo andar por aí a comentar os tamanhos das caixas de outros rapazes.

Os olhos dele cruzam-se com os meus e sorri, um sorriso pequenino.

— Bela gravata — diz ele.

Olho para baixo para a minha gravata, a corar. Claro que logo hoje não podia estar a usar uma gravata normal. Não senhor. Tenho uma da coleção do meu pai. Azul-escuro, com centenas de minúsculos cachorros-quentes.

— Pelo menos não é um macacão, pois não? — digo.

— Bem visto. — Ele volta a sorrir, por isso é evidente que reparo nos seus lábios. Que têm exatamente a mesma forma dos lábios da Emma Watson. *Os lábios da Emma Watson*, ali mesmo no rosto dele.

— Então não és daqui — diz o Rapaz da Caixa.

Olho para ele, espantado.

— Como é que sabes?

— Bem, visto que ainda estás a falar comigo... — Depois cora.

— Isto saiu mal. Queria apenas dizer que normalmente só os turistas falam com as pessoas.

— Oh.

— Mas eu não me importo nada — diz ele.

— Eu não sou turista.

— Não?

— Bem, na realidade não sou daqui, mas vivo cá agora. Só durante o verão. Sou de Milton, Geórgia.

— Milton, Geórgia. — Ele sorri.

Sinto-me inexplicavelmente frenético. Os meus braços e pernas estão soltos e esquisitos, e parece que tenho a cabeça cheia de algodão. O meu rosto está provavelmente da cor de um tomate. Nem quero saber. Tenho de continuar a falar.

— Eu sei que parece estranho. *Milton*. Parece o nome de um tio-avô judeu.

— Não era isso...

— Na verdade tenho um tio-avô judeu chamado Milton. Vivemos no apartamento dele.

— Nós quem?

— Queres saber com quem vivo no apartamento do meu tio-avô Milton?

Ele assente com a cabeça e fica a olhar para mim. Com quem achará ele que vivo? Com o meu namorado? Com um namorado todo bom de 28 anos com furos enormes nas orelhas e talvez um *piercing* na língua e uma tatuagem do meu nome no peitoral? Ou em *ambos* os peitorais?

— Vivo com os meus pais — respondo rapidamente. — A minha mãe é advogada e a empresa dela tem um escritório aqui na cidade, por isso ela veio para cá no fim de abril para trabalhar num

processo e, por mim, tinha vindo logo com ela, mas a minha mãe foi do tipo: «Boa tentativa, Arthur, mas ainda te falta um mês inteiro de aulas.» O que acabou por ser melhor, porque pensei que Nova Iorque era uma coisa e acabou por se revelar outra completamente diferente, e agora que estou aqui preso tenho saudades dos meus amigos, do meu carro e da Waffle House.

— Por essa ordem?

— Bem, tenho mais saudades do meu carro. — Sorrio amplamente. — Deixámo-lo na casa da minha avó em New Haven. Ela vive perto de Yale, que, com sorte, com *muita sorte*, será a minha futura universidade. Pensamento positivo. — Parece que não consigo parar de falar. — Acho que não precisas de ouvir a história completa da minha vida.

— Não me importo. — O Rapaz da Caixa faz uma pausa e apoia a caixa na anca. — Queres vir para a fila?

Assinto com a cabeça e ponho-me atrás dele. Ele vira-se de lado para olhar para mim, mas a caixa fica entre nós. Ele ainda não colou a etiqueta com o destino. Está ali pousada em cima da caixa. Tento espreitar para a morada, mas a letra dele é horrível e não consigo lê-la de pernas para o ar.

Ele apanha-me a olhar.

— Tu és mesmo bisbilhoteiro ou o quê? — Está a olhar para mim com os olhos semicerrados.

— Oh. — Engulo em seco. — Sim, acho que sou um pouco.

Isto fá-lo sorrir.

— Não é uma história assim tão interessante. São restos de uma relação que terminou.

— Restos?

— Livros, presentes, a varinha do Harry Potter. Todas aquelas coisas para as quais já não quero olhar mais.

— Não queres olhar para a varinha do Harry Potter?

— Não quero olhar para nada que o meu ex-namorado me tenha oferecido.

Ex-namorado.

O que quer dizer que o Rapaz da Caixa sai com rapazes.

E muito bem. Uau. Este tipo de coisas não me costuma acontecer. É que não acontece mesmo. Mas talvez o universo trabalhe de forma diferente em Nova Iorque.

O Rapaz da Caixa sai com rapazes.

EU SOU UM RAPAÇ.

— Isso é muito fixe — digo de forma perfeitamente descontraída. Mas depois ele olha para mim com uma expressão esquisita e a minha mão voa até à boca. — Não é nada fixe. Deus do céu. Não é mesmo. Separações não são fixes. Eu... lamento a tua perda.

— Ele não morreu.

— Ah, pois. Certo. Vou só... — Expiro e pouso momentaneamente a mão na barreira amovível que delimita a fila.

O Rapaz da Caixa sorri de forma contraída.

— Certo. Então és desses rapazes que fica desconfortável junto de tipos gay.

— O quê?! — Exclamo. — Não. Não é nada disso.

— Está bem. — Ele revira os olhos e olha de relance por cima do meu ombro.

— Não sou nada desses rapazes — respondo rapidamente. — Escuta. Eu sou gay.

E o mundo inteiro deixa de girar. Sinto a língua grossa e um pouco pesada.

Acho que não digo estas palavras em voz alta com muita frequência. «Eu sou gay.» Os meus pais sabem, o Ethan e a Jessie também, e fui dando pistas ao acaso ao pessoal da empresa da minha mãe. Mas não sou o tipo de pessoa que anda por aí pelos postos de correios a anunciar que é gay.

Só que, pelos vistos, até sou.

— Oh. A sério? — pergunta o Rapaz da Caixa.

— A sério. — Digo as palavras quase sem fôlego. É estranho, mas agora quero provar o que digo. Queria ter um cartão qualquer

de gay para sacar do bolso como se fosse o distintivo de um polícia. Ou ter outra forma qualquer de o demonstrar. Caramba. Demonstrava-o agora mesmo com toda a alegria.

O Rapaz da Caixa sorri e os ombros dele descontraem um pouco.

— Fixe.

E que caraças, isto está mesmo a acontecer. Mal consigo respirar. É como se o universo tivesse criado este momento só para mim.

Uma voz troa detrás do balcão.

— Estão na fila ou não? — Levanto os olhos e vejo uma mulher com um anel no lábio a olhar para nós com maus modos. Esta funcionária dos correios está-se nas tintas para nós. — Ei, Sardas. Vamos lá.

O Rapaz da Caixa olha para mim de relance antes de avançar até ao balcão. Atrás de mim já se estende uma fila considerável. E tudo bem. Não estou a *ouvir à socapa* a transação do Rapaz da Caixa. Não exatamente. É mais como se os meus ouvidos fossem atraídos pela sua voz. Ele está de braços cruzados, os ombros tensos.

— Para Prioritário são 2650 — diz a Anel no Lábio.

— 26,50? Tipo 26 dólares e 50 cêntimos?

— Não. Tipo 2650 dólares.

O Rapaz da Caixa abana a cabeça.

— Mas isso é muito caro.

— É o preço que temos. É pegar ou largar.

Por um instante, o Rapaz da Caixa limita-se a ficar ali parado. Depois volta a pegar na caixa e abraça-a contra o peito.

— Então não, desculpe.

— A seguir — chama a Anel no Lábio. Faz-me sinal, mas desvio-me da fila.

O Rapaz da Caixa pestaneja.

— Como é que mandar uma caixa pelo correio custa mais de dois mil dólares?

— Não faço ideia. É um absurdo.

— Acho que é o universo a dizer-me que devo guardar as coisas.
O universo.

Uau.

Ele também acredita. Ele acredita no universo. E não quero estar a tirar conclusões precipitadas nem nada, mas o Rapaz da Caixa acreditar no universo é definitivamente um sinal do universo.

— Muito bem. — O meu coração começa a acelerar. — Mas e se na verdade o universo estiver a dizer-te para deitares as coisas fora?

— Oh, não é assim que ele funciona.

— Não?

— Pensa um pouco. Livrar-me da caixa é o plano A, não é? O universo não vai boicotar o plano A só para me fazer seguir uma outra versão do mesmo plano. Isto é claramente um sinal do universo para optar pelo plano B.

— E o plano B é...

— Aceitar que o universo é um sacana...

— O universo não é um sacana!

— É pois. Confia em mim.

— Como podes saber de uma coisa dessas?

— Sei que ele tem planos marados para esta caixa.

— Mas aí é que está! — Olho para ele com austeridade. — Não sabes realmente quais são os planos. Não fazes ideia do que o universo quer fazer com isto. Talvez o único motivo para estares aqui é porque o universo queria que me conhecesses, para eu te dizer para deitares a caixa fora.

Ele sorri.

— Achas que o universo queria que nos conhecêssemos?

— O quê? Não! Quero dizer, não sei. Aí é que está. Não temos como saber.

— Bem, acho que vamos ter de ver como as coisas se desenrolam. — Ele olha para a etiqueta com a morada durante um instante

e depois rasga-a ao meio, amacha-a e deita-a para o lixo. Fez pontaria para o balde do lixo, mas o papel cai no chão. — Enfim — diz ele. — Hum, tu...

— Desculpem. — A voz de um homem reverbera através de um intercomunicador. — Posso pedir a vossa atenção?

Olho de lado para o Rapaz da Caixa.

— Isto é...?

Ouve-se um súbito apito de feedback e uma introdução de piano.

E a seguir entra uma verdadeira banda filarmónica pelos corredores adentro.

Uma banda filarmónica.

As pessoas inundam o átrio com tambores gigantescos, flautas e tubas, a tocar uma versão qualquer meio desafinada da música do Bruno Mars *Marry You*. E agora dúzias de pessoas — velhotes que pensei que estavam na fila para comprar selos — lançam-se numa dança coreografada, com pontapés altos, movimentos de ancas e braços ondulantes. Praticamente todas as pessoas que não estão a dançar estão a filmar a dança, mas sinto-me demasiado atordoado para pegar sequer no telemóvel. Quero dizer, não vou estar a interpretar demasiado os acontecimentos, mas bolas: conheci um tipo giro e cinco segundos depois estou metido no meio de uma *flash mob* para pedir alguém em casamento? Será que o universo podia mandar-me uma mensagem mais clara?

A multidão separa-se e um tipo tatuado entra de skate e para em frente ao balcão. Tem uma caixinha na mão, mas em vez de pousar um joelho no chão pousa os cotovelos no balcão e sorri amplamente para a Anel no Lábio.

— Kelsey. Amor. Queres casar comigo?

A máscara de pestanas da Kelsey já lhe chega até ao anel do lábio.

— Sim! — Agarra no rosto dele para lhe dar um beijo ensopado em lágrimas e a multidão irrompe em gritos de viva.

Sinto-o profundamente no peito. É a tal sensação de Nova Iorque de que tanto falam nos musicais, aquela alegria tecnicolor completamente estridente e absoluta. Andei aqui o verão todo a arrastar-me e a sentir saudades da Geórgia, mas é como se alguém tivesse acabado de ligar um interruptor dentro de mim.

Questiono-me se o Rapaz da Caixa também o sente. Viro-me para ele, já a sorrir, com a mão sobre o coração...

Mas ele já não está aqui.

Deixo cair a mão inerte. O rapaz não está em lado nenhum. A caixa também não. Olho em redor, perscrutando todos os rostos no posto dos correios. Talvez ele tenha sido empurrado para o lado pela *flash mob*. Talvez fizesse parte dela. Talvez tivesse um compromisso qualquer urgente, tão urgente que não teve tempo para me pedir o número de telefone. Que não teve tempo sequer para se despedir.

Não acredito que ele nem sequer se despediu.

Pensei que, sei lá, é estúpido, mas pensei que tínhamos partilhado aqui um momento qualquer. Quero dizer, o universo pegou basicamente em nós e pousou-nos mesmo em frente um do outro. Foi o que aconteceu agora mesmo, não foi? Não faço ideia de como interpretar isto de outra forma.

Só que ele desapareceu mesmo. Tipo a Cinderela à meia-noite. É como se nunca tivesse existido. E agora nunca vou saber o nome dele ou como o meu nome soa dito por ele. Não vou ter oportunidade de lhe mostrar que o universo não é um sacana.

Desapareceu. Esfumou-se completamente. E a desilusão que me atinge é tão avassaladora que quase me dobro sobre mim mesmo.

Até que os meus olhos pousam no caixote do lixo.

OK. Não estou a dizer que vou vasculhar no caixote do lixo. É evidente que não vou fazê-lo. Estou perturbado, mas não é uma perturbação assim *tão* grande.

Talvez o Rapaz da Caixa tenha razão. Talvez o universo esteja a pedir um plano B.

A minha pergunta é a seguinte: Se o lixo não chega a entrar no balde do lixo, podemos chamar-lhe «lixo» com a mesma propriedade? Porque vamos imaginar — e isto é completamente hipotético — que está uma etiqueta de envio amachucada no chão. Pode ser considerada lixo?

E se fosse um sapato de cristal?

2

BEN

Estou novamente no ponto de partida.

Tinha uma única tarefa. Mandar a caixa pelo correio. Não sair dos correios com a caixa nos braços. Em minha defesa, passou-se muita coisa enquanto ali estive. Estava lá aquele tipo giro e boa onda, o Arthur, que claramente ainda não foi queimado pelo universo, porque achou mesmo que estávamos destinados a conhecer-nos. No dia em que tentava devolver as coisas do Hudson. De certeza que o Arthur vai mudar de opinião acerca do universo depois de aquela banda filarmónica nos ter separado.

Entro no metro e volto para Alphabet City para ir ter com o meu melhor amigo, o Dylan. Eu vivo na Avenida B, o Dylan vive na Avenida D. A história da nossa amizade resume-se aos nossos sobrenomes, Alejo e Boggs. Ele costumava sentar-se atrás de mim quando andávamos no 3.º ano e passava o tempo todo a bater-me no ombro para me pedir coisas emprestadas, como lápis e folhas soltas. Continua a acontecer o mesmo agora que somos mais velhos, visto que está sempre a precisar do meu *iPhone* — duas versões atrasado em relação ao de toda a gente — para mandar mensagens à sua Paixão da Semana quando o dele fica sem bateria. A única altura em que lhe peço alguma coisa emprestada, entre aspas, é quando preciso que me arranje dinheiro para o almoço. E digo entre aspas porque é extremamente raro conseguir pagar-lhe de volta, mas ele não se importa. O Dylan é um tipo às direitas. Não se rala que eu goste de rapazes e eu não me ralo que

ele goste de raparigas. Um grande obrigado à Alphabet City por me ter proporcionado este amigo.

Depois de sair do comboio vou parando junto de vários caixotes do lixo e seguro a caixa por cima deles, mas não consigo arranjar coragem para deitar mesmo as coisas fora.

Acho que não estava à espera de que a separação fosse tão difícil, sendo eu a causá-la. Mas uma vez que foi o Hudson quem andou aos beijos com outra pessoa, continuo a ter a sensação de que, na verdade, foi ele quem acabou com tudo. As coisas já não andavam muito bem entre nós desde que os pais se divorciaram, mas fui paciente com ele. Como quando o deixei planear o meu aniversário e ele me levou a um concerto da sua banda favorita. Eu não disse nada porque era o meu primeiro concerto e os Killers são um grupo fantástico. Depois ele não apareceu para o almoço de aniversário dos meus pais. Eu não disse nada, porque celebrar o casamento dos meus pais depois de tudo o que se tinha passado com os dele talvez fosse um pouco demais para o Hudson. Também houve aquela ocasião em que fomos ao cinema ver uma comédia romântica sobre dois rapazes e ele se lançou num discurso sobre como o amor, mesmo um amor como o nosso, nunca poderia ser digno de Hollywood. Saí do cinema de rompante à espera de que ele viesse atrás de mim para pedir desculpa, para chamar por mim ou fazer qualquer uma das coisas que um namorado a sério faria.

Não me disse nada durante três dias. Não até eu lhe ligar para perguntar se íamos voltar a falar um com o outro. Depois apareceu de surpresa no meu apartamento e disse-me que pensou que tínhamos acabado, por isso beijou um tipo qualquer numa festa. Queria desesperadamente outra oportunidade comigo, mas disse-lhe que não. Acabei com ele. Assim, de verdade. Apesar de ter pensado que tínhamos acabado, não podia ter esperado uma semana antes de passar para outra? É bastante difícil não nos sentirmos um zero à esquerda depois de uma coisa assim.

Chego ao edifício do Dylan e toco à campainha. Ele abre-me a porta de imediato, o que é ótimo, porque hoje não estou numa de esperar por nada. Ando às voltas pela cidade com uma caixa que contém as coisas do meu ex-namorado. Às costas tenho uma mochila cheia de trabalhos de casa para fazer durante o verão. O dia de hoje é uma bosta.

Bocejo enquanto subo de elevador. Tive de me levantar às 7 horas por causa das aulas de verão. Que vida maravilhosa. O universo continua a dominar, tem um punho de ferro que me fustiga o coração e o ego.

Saio do elevador e entro sozinho no apartamento do Dylan, assim o permite o nosso grau de proximidade. Mas sou suficientemente esperto para bater à porta do quarto dele, depois de há uns meses ter entrado de repente enquanto ele se dedicava a um pouco de autoamor.

— Tens as mãos fora das calças? — pergunto.

— Infelizmente — responde o Dylan do outro lado da porta.

Abro a porta e o Dylan está sentado na cama, a mandar mensagens. Cortou o cabelo desde que o vi ontem ao jantar. É o único rapaz da minha idade que conheço que tem barba. Durante imenso tempo achei verdadeiramente que a minha puberdade estava atrasada, porque nem sequer tenho bigode, mas a verdade é que o fenómeno aqui é o Dylan. Um fenómeno lindo de morrer.

— Big Ben — diz ele, pousando o telemóvel. — Luz dos meus olhos. Aquele Que Ficou Encalhado na Escola. — As aulas de verão são ainda piores, porque o Dylan anda a debitar piadas desde que saí do gabinete do conselheiro académico com as más notícias. Ele só tem sorte de nunca ter namorado com ninguém que o tivesse convencido a não estudar e a confiar que as boas notas lhe cairiam simplesmente no colo.

— Olá — respondo. Os nomes engraçados e as alcunhas não são bem a minha onda.

O Dylan aponta para o meu peito.

— Essa t-shirt é qualquer coisa, não é?

O guarda-roupa dele consiste maioritariamente em t-shirts de lojas e cafés alternativos da cidade, e ofereceu-me esta do Dream & Bean ontem à noite, quando foi jantar comigo. O Dylan passa algumas coisas para mim quando o roupeiro dele começa a ficar demasiado cheio. Normalmente não se separa das suas roupas favoritas, como esta do Dream & Bean, mas não me vão ouvir a queixar.

— Não tinha nada lavado para vestir — respondo. — Não é que seja uma t-shirt extraordinária.

— Bolas, isso magoa, mas acho que estás com essa boa disposição toda porque trazes nos braços uma caixa de separação que ias enviar ao Hudson. O que aconteceu?

— Ele hoje não foi às aulas. — Pouse a caixa.

— Faltar ao primeiro dia de aulas de verão parece-me um mau começo — diz o Dylan.

— Pois é. Pedi à Harriett se lha podia levar, mas ela disse que não — explico. — Depois pensei em enviar-lha pelo correio, mas o Prioritário era demasiado caro.

— E porque tens de enviar por Correio Prioritário?

— Porque queria a caixa longe de mim mais depressa.

— O envio normal fazia o mesmo efeito. — O Dylan ergueu a sobancelha esquerda. — Não conseguiste separar-te dela, pois não?

Pouse a caixa que devia ter enviado pelo correio ou deitado ao lixo ou atado a uma âncora antes de a deitar ao rio.

— Para de interpretar as minhas desculpas de merda, são as desculpas de merda que consigo arranjar.

O Dylan levanta-se e abraça-me.

— Pronto, pronto — diz enquanto me faz festinhas em círculos nas costas.

— A tua voz reconfortante não está a reconfortar-me.

O Dylan dá-me um beijo no rosto.

— Está tudo bem, Pintainho, está tudo bem.

Sento-me à chinês em cima da cama dele. Sinto-me tentado a pegar no telemóvel para ver se o Hudson me mandou alguma mensagem, ou para ir ao *Instagram* ver se publicou uma nova *selfie*. Mas sei que não vou ter mensagens novas e já deixei de o seguir em todas as redes sociais.

— Não quero que ele se lixe nas aulas de verão só porque está a evitar-me. Se tiver mais do que três faltas, fica para trás.

— Talvez. Mas isso é um problema dele. Se o Hudson não aparecer, não tens de passar o verão com ele. Problema resolvido.

Há muito pouco tempo, a ideia de passar o verão com o Hudson era a única coisa em que conseguia pensar. Um verão com o meu namorado nas piscinas, nos parques e nos quartos um do outro enquanto os nossos pais estavam a trabalhar; não um verão enquanto ex-namorados ainda na escola, porque durante o ano passámos mais tempo a estudar-nos um ao outro do que a fazer os trabalhos de casa de química.

— Quem me dera que estivesses comigo nas trincheiras — digo. — Ele continua a ter o melhor amigo dele lá e eu também devia ter o meu.

— Oh, meu, recorda-me para nunca cometer um crime contigo. Apanham-te num instante e depois acabas por me denunciar. — O Dylan verifica o telemóvel, como se não estivéssemos a conversar, o que é a coisa de que menos gosto nos humanos. — De qualquer maneira as aulas iam ser um drama pegado. Não posso estar lá com a minha ex-namorada, isso não é um ambiente saudável.

— Eu estou literalmente lá com o meu ex-namorado, Dylan.

— Não estás, não. Ele não apareceu, e mesmo que apareça, não te esqueças de que estás em vantagem. Ganhaste o Jogo da Separação, porque quem acabou foste tu. Se tivesse sido ele a acabar ia ser uma bosta a dobrar. Assim é só uma bosta singular.

Trocava o meu pobre reino por um universo onde uma separação de bosta singular não fosse uma vitória. Mas aqui estamos nós.

Separações recentes provam que nunca devemos dar cabo do nosso círculo de amigos tentando namorar com um deles. Não estou aqui a apontar o dedo a ninguém, mas quem começou isto foram o Dylan e a Harriett. Nós os quatro tínhamos um grupo espetacular até o Dylan e a Harriett se beijarem na Véspera de Ano Novo. Eu sentia-me atraído pelo Hudson e tinha quase a certeza de que ele sentia o mesmo por mim, mas quando nos virámos um para o outro naquela noite não nos beijámos, limitámo-nos a assentir com a cabeça porque eu conhecia o meu melhor amigo e ele conhecia a melhor amiga dele. Aquilo não ia durar muito tempo. Talvez eu e o Hudson nunca nos tivéssemos envolvido se não passássemos tanto tempo sozinhos enquanto o Dylan e a Harriett passavam os fins de semana juntos.

Tenho saudades dos tempos em que éramos um grupo.

Levanto-me e ligo a *Wii* porque preciso de uma distração qualquer para me animar. O genérico triunfante do *Super Smash Bros* ecoa da televisão. A personagem favorita do Dylan é o Luigi porque acha que o Mario é muito sobrevalorizado. Eu prefiro a Zelda, porque ela se teletransporta, desvia projéteis e dispara bolas de fogo a grandes distâncias, tudo jogadas ótimas para qualquer jogador que queira evitar combates corpo a corpo.

Iniciamos o jogo.

— Na escala da tristeza, como te sentes hoje? — pergunta o Dylan. — Triste como a cena inicial do *Up*? Ou triste como a morte da mãe do Nemo?

— Uau, não. Definitivamente não como a cena inicial do *Up*. Essa merda é devastadora. Acho que estou algures no meio, triste como nos últimos cinco minutos do *Toy Story 3*. Só preciso de um pouco de tempo para dar a volta por cima.

— Sem dúvida. Muito bem, preciso de te contar uma coisa.

— Também vais acabar comigo? — pergunto. — Porque isso não seria fixe.

— Mais ou menos — diz o Dylan. Faz uma pausa dramática enquanto continua a martelar um botão para o Luigi continuar a disparar bolas de fogo verde para a Zelda. — Conheci uma miúda no café.

— Essa é a frase mais característica em ti.

— É, não é? — O riso do Dylan é encantador. — Então, ontem depois de ter ido à consulta, fui até ao norte da cidade para experimentar um café novo.

— Claro que saíste de uma consulta com o cardiologista e te foste enfiar num café. Tu às vezes és demasiado cliché.

— É um ritual anual que tenho — diz o Dylan. Ele tem um problema cardíaco chamado prolapso da válvula mitral, que não é tão sério como parece, pelo menos não no caso do Dylan. Não sei o que ele faria se os médicos o proibissem de beber café. — De qualquer maneira, passei pelo Kool Koffee, onde sempre evitei entrar porque, como sabes, não acho graça a estes trocadilhos com as letras, e ela vinha a sair para deitar o lixo e eu desgracei-me todo só de olhar para ela.

— Como já é habitual em ti.

— Mas não podia lá entrar com uma t-shirt do Dream & Bean.

— Porquê?

— Hum. Tu entras no Burger King com um Happy Meal? Não. Seria uma falta de respeito. Tem um pouco de bom senso, por favor.

— O meu bom senso está a dizer-me que preciso de fazer amigos novos.

— Só não quis faltar ao respeito a ninguém.

— Acabaste de me faltar ao respeito a mim.

— Estou a falar dela.

— Claro que estás. Espera. Foi por isso que me deste a t-shirt ontem à noite?

— Foi. Entrei em pânico.

— Tu és tão estranho. Continua.

— Hoje entrei no Kool Koffee vestido adequadamente... — o Dylan gesticula para a t-shirt azul-escuro lisa. Bonita e neutra. — ... e ela estava a cantarolar uma música do Elliott Smith enquanto tirava um expresso para um cliente. Fiquei *apanhado*. Completamente apanhado por ela. Big Ben, num único instante, ganhei uma futura mulher e um fornecimento ilimitado de café.

É mesmo muito difícil ficar feliz por alguém ter encontrado o amor quando acabámos de sofrer uma perda no mesmo departamento, mas o Dylan é assim.

— Mal posso esperar por conhecer a minha futura cunhada.

— Lembras-te daquela publicação no BuzzFeed com o casamento do Harry Potter? A Samantha e eu vamos fazer uma coisa do género com o tema do café. Toda a gente vai usar avental de barista. Os brindes serão com chávenas. E o meu rosto será desenhado no expresso dos convidados.

— Tu és demais.

— Só há um aspeto negativo.

— Ela já tem um aspeto negativo?

— Ela adora o Kool Koffee, porque eles doam algumas porções para caridade e a Samantha acha que os aficionados do café deviam escolher melhor os locais onde o compram. Quero dizer, não estou preparado para uma relação monógama com o Kool Koffee.

— Ela pediu-te realmente que fizesses essa escolha?

— Não, mas... pediu sem pedir. E quando conheces A Tal, há certas coisas que deves sacrificar.

— Não te imagino a desistires do café do Dream & Bean.

— Oh, bolas, claro que não. Só vou desistir de o beber em frente à Samantha. O que ela não sabe, não a magoa.

— Só tu para fazeres do ato de beber café algo nefasto.

— De qualquer maneira, acrescentei mais algumas t-shirts de cafés à tua gaveta, para não me sentir tentado.

Vou verificar a roupa, porque talvez haja alguma coisa que eu possa realmente aproveitar. E sim, tenho uma gaveta de roupa no

quarto dele e ele tem uma gaveta no meu quarto. Já dormimos vezes suficientes em casa um do outro para isto fazer sentido. Quando comecei a assumir a minha sexualidade, ainda na escola secundária, sentia-me sempre muito constrangido nas aulas de educação física; tinha receio de que toda a gente pensasse que estava ali a tentar micá-los. É espetacular ter um amigo como o Dylan que não tem problema nenhum em trocar de roupa à minha frente ou ver-me a trocar de roupa à frente dele. Espero não perder a sua espetacularidade novamente, como acontece sempre que ele encontra A Tal.

— Espera. Porque é que não me contaste sobre a Samantha ontem à noite, quando foste a minha casa? — pergunto.

— Não sei — diz o Dylan, como se isso fosse uma resposta satisfatória. Como se eu lhe respondesse: «Ah, pronto, está bem», e continuasse a dar-lhe cabo do canastro no *Super Smash*.

— Nunca me contas logo que te apaixonas — digo.

— Diz uma ocasião em que isso tenha acontecido.

— Com a Gabriella, com a Heather, com a Natalia e...

— Eu pedi-te só uma ocasião.

— ... e a Harriett. É estranho, mais nada. Contamos tudo um ao outro.

O Dylan assente com a cabeça.

— Acho que estou só a tentar não enguiçar isto. Sabes como o meu pai está sempre a dizer que soube que ia casar com a minha mãe assim que a conheceu no ano em que foram caloiros? Eu estou a sentir a mesma vibração em relação à Samantha.

Ajo como se nunca o tivesse ouvido dizer isto, mais recentemente em relação à Harriett, com quem acabou em março, e decido não dizer nada. Talvez desta vez dê resultado. Continuamos a jogar enquanto o Dylan vai falando sem parar sobre o nome que ele e a Samantha dariam ao seu primeiro filho, obviamente inspirado no nome de uma bebida quente, e eu recuso-me a ser o Tio Ben de qualquer criança chamada Cidra.

Sinto alguns ciúmes por o Dylan estar nesta fase de novo romance, quando tudo parece possível. Quando a Samantha ainda pode ser o verdadeiro amor da sua vida. Como quando pensei que o Hudson podia ser o amor da minha. Como quando mal podia esperar por acordar e ver o rosto dele. O seu lindo olho vesgo, o pequeno alto no nariz, as sugestivas sobranceiras escuras que não condiziam com o cabelo curto ruivo. Ele mudou a minha forma de encarar o mundo, como quando fazia frente aos idiotas na escola que implicavam com ele por causa dos seus modos efeminados; ele ajudou-me realmente a esquecer a minha própria idiotice e as ideias preconcebidas que tinha de como um homem deve parecer. E aqueles nervos todos antes de termos feito sexo pela primeira vez em março, sem sabermos se ia ser bom ou mau. Avanço já com o *spoiler*: foi espantoso.

Talvez esta semana consiga ser tão espetacular na escola que os professores decidam que não preciso de assistir às aulas durante o próximo mês, e assim já fico livre do Hudson.

Embora, para ser o mais honesto possível, tenha de admitir que provavelmente já ia ter de assistir às aulas de verão mesmo que o Hudson não tivesse existido. Eu e a escola não nos damos muito bem.

— Tu serás sempre o meu número um, Big Ben — diz o Dylan. — Isto até o Bebé Cidra nascer.

— Os amigos antes dos filhos — exijo.

— Podem ficar empatados?

Encolho os ombros.

— Podem.

— Tu não vais ficar solteiro durante muito tempo — diz o Dylan, como se tivesse o poder da adivinhação. — És alto, o teu cabelo é muito à Hollywood, o teu estilo é natural. Se não tiveres já uma Sra. Samantha-Cujo-Sobrenome-Preciso-de-Descobrir-Antes-de-o-Hifenizar-Com-Boggs, tenho a certeza de que me farias mudar de lado no espaço de um ano.

— Isso é muito querido. Sabes que fazer com que alguém virmasse gay por minha causa seria o ponto alto da minha vida. — Eu não ando atrás de heterossexuais, mas se algum quiser experimentar para ver como é? Bem-vindo à Casa Alejo. Deixa os sapatos à porta ou trá-los para a cama se for a tua cena.

Ganho a primeira ronda do jogo porque eu sou eu, e preparamo-nos para jogar novamente.

— Vamos discutir o verdadeiro motivo que te levou a não enviar a caixa pelo correio — diz o Dylan, como se no fim me apresentasse a conta pela sessão.

— Só se abandonares essa tua voz de psicólogo — respondo.

— Talvez possamos começar pelo motivo por que o meu tom de voz te incomoda. Faço-te lembrar uma figura de autoridade?

Faço um KO ao boneco dele e mostro-lhe o dedo do meio.

— Acho que... pensei mesmo que ia ter a oportunidade de lhe entregar a caixa pessoalmente para poder pôr um ponto final nisto. Mas depois ele não apareceu na escola e de repente dei comigo nos correios a falar com um tipo qualquer sobre o Hudson quando apareceu uma *flash mob* e...

— Espera. Diz lá isso outra vez.

— Sim, uma *flash mob*. E estavam a tocar aquela música do Bruno Mars e...

— Não é isso. O tipo. O quê? Quem? — O Dylan vira-se para mim, abandonando novamente a feitiçaria complexa do botão de pausa. — Tu és um sacana. Deixaste-me aqui a sentir-me mal comigo mesmo quando já andas em altas conversações com outro tipo.

— O quê?, não. Não é nada disso. Não há cá conversações nenhuma.

— Porque não? Quem é ele? Nome. Morada. Número da segurança social. Nomes do *Twitter* e *Instagram*.

— Chama-se Arthur. Não sei o sobrenome. Não sei mesmo a morada, nem os nomes das suas redes sociais. E já que estamos

a falar nisto, por que raio as pessoas não têm um nome só para todas as plataformas?

— Os humanos são criaturas complexas. — O Dylan assente sabiamente com a cabeça. — O que sabes sobre ele?

— É novo na cidade. Está de visita e vem da Geórgia. Trazia a gravata mais ridícula do mundo.

— É gay?

— É. — É sempre fixe descobrir de imediato se um rapaz giro é gay ou não. Tentar descortinar o mistério por nós mesmos não é muito divertido e raramente dá bom resultado.

— Estou a captar vibrações quentes. — O Dylan começa a abanar-se como se tivesse um leque.

— Sim, ele é giro. Mais baixo do que normalmente é a minha tendência. Tipo 1 metro e 70, 1 e 68 sem as botas. Olhos azuis que parecem saídos do *Photoshop*, quase de extraterrestre.

Abano a cabeça e pouso o comando do jogo.

O Dylan começa a aplaudir.

— Muito bem, estou convencido. Estou mesmo a ver-te com este rapaz que conhecestes enquanto estavas a tentar encerrar de vez a última relação.

— D, não digas isso. Não é boa ideia agora. Preciso de passar algum tempo só comigo.

— Tu és sempre uma boa ideia, Big Ben.

— És muito querido, meu. Obrigado.

— Num futuro não muito distante, nós os dois vamos beber demasiado, às duas da manhã, vou fazer-me de convidado para ficar a dormir na tua casa e depois vamos... fazer tanta conchinha. E prometo que na manhã seguinte não vou dizer que foi má ideia.

— Acabaste de dar cabo do momento.

— Desculpa. Vamos voltar a falar a sério — diz o Dylan. — Estás a ser muito exigente contigo mesmo. Lá porque o Hudson é um idiota e te tomou como garantido, não quer dizer que o próximo rapaz faça a mesma coisa. E, caramba, conhecestes um rapaz

giro com mau gosto para gravatas no mesmo dia em que decidiste avançar finalmente com a tua vida. Isso é um sinal.

Penso sobre como eu e o Arthur falámos do universo, e ele volta a ficar nítido na minha memória. Ele não é como tantos outros rapazes que vejo por aí pela cidade enquanto sonho com um amor épico, para ao fim de uma hora me esquecer de quem eles são. Os dentes do Arthur eram branquíssimos e um dos caninos estava lascado. O cabelo castanho era meio desgrenhado. Estava demasiado bem vestido para alguém da nossa idade; é provável que um extraterrestre se vestisse assim se chegasse de outro sistema solar e quisesse passar por um adulto, mas sem notar como o seu rosto era jovem. Não devia ter saído dos correios a correr. Talvez o Dylan tenha razão e eu tenha ignorado o sinal do universo.

— Tenho de ir andando — digo. Já estou bastante chateado. — Trabalhos de casa.

— A uma segunda-feira de verão. Estás mesmo a viver a tua melhor vida.

O Dylan levanta-se e abraça-me.

— Ligo-te mais tarde.

— Se não estiver a falar com a Samantha, atendo o telemóvel.

Sei bem que é assim. Espero mesmo não perder o meu namorado e o meu melhor amigo num único verão.

Já vou a caminho da porta quando o Dylan me chama.

— Não estás a esquecer-te de nada? — Olha para a caixa com as coisas do Hudson. — De propósito? Se quiseres posso *tratar* disto. Arranjo uma máscara de esqui, umas luvas e tratamos desta bosta a meio da noite. Ninguém tem de saber que fomos nós.

— Tu precisas de ajuda — respondo. Pego na caixa. — Eu trato disto.

Ainda não sei se estou a mentir ou não.

Sento-me à secretária e ligo o portátil. Demora uns minutos a arrancar, porque não é exatamente um modelo novo ou seminovo.

Jogar *The Sims* seria muito mais fácil se tivesse um portátil melhor.

Devia mesmo fazer os trabalhos de casa, mas concentrar-me em química já era suficientemente difícil quando não tinha ao meu lado uma caixa cheia de recordações de uma relação que devia ter sido tudo e acabou por não ser nada. Por vezes concentro-me nas coisas boas da nossa relação para não ficar lixado. Como por exemplo, a forma como o Hudson pousava o queixo no meu ombro durante os nossos abraços de fim de dia, quase como se não quisesse ir para casa ou sequer afastar-se de mim alguns passos. Ou na forma como me sentia visto por ele, mesmo quando o castanho do seu olho estava virado para outra coisa, porque sabia que ele estava a olhar para mim. Nos livros que lia a meias com ele. E na forma como carregava o telemóvel no carregador em forma de relâmpago para podermos ficar no *FaceTime* até altas horas da noite.

Mas esse Hudson desapareceu quando o divórcio dos pais se finalizou no dia 1 de abril, depois de 20 anos de casamento. O Hudson jurou que devia ser uma mentira ridícula da mãe no Dia das Mentiras, porque estava à espera de que eles ficassem juntos para sempre. Mesmo quando os pais anunciaram que iam separar-se e a mãe saiu de Brooklyn para ir viver para Manhattan, o Hudson continuou a ter esperanças de que eles voltassem. Ele tinha aquele espírito de miúdo num filme que elabora um plano infalível qualquer para fazer com que os pais voltem a apaixonar-se um pelo outro.

Assistir ao desmoronamento de um amor que ele acreditava ser eterno não foi muito bom para nós. Estávamos completamente dessincronizados. Havia alturas em que ele nem sequer queria que eu estivesse por perto para o confortar e outras em que ficávamos juntos, mas ele era um perfeito idiota em relação ao amor. O meu coração só aguentou até certo ponto antes de sentir necessidade de me afastar um pouco. Dei-lhe imensas

oportunidades, *dei-nos* imensas oportunidades. Mas eu não era suficientemente bom para o fazer perceber que o amor é uma coisa boa.

O meu portátil está pronto para entrar em ação. Tenho de descontrair um pouco antes de me dedicar aos trabalhos de casa, por isso abro o meu romance fantástico, no qual tenho vindo a trabalhar desde janeiro. É a única altura em que cumpro a minha resolução de Ano Novo e estou completamente obcecado com a história. O *Combate dos Feiticeiros Cruéis* — CFC para abreviar — é uma leitura só para os meus olhos, mas talvez um dia possa partilhá-la com o mundo. Ou pelo menos com o Dylan, que está doido para ver que personagem criei à sua imagem.

Volto ao ponto em que fiquei.

É uma cena com a personagem do Hudson e começa de forma bastante simples. Ben-Jamin e Hudsonien saem à socapa do Castelo Zen pela calada da noite e vão para a Floresta Negra para um encontro romântico. O Ben-Jamin afasta a neblina com os seus poderes de vento e, uau, um gangue de Engolidores de Vidas acabou de aparecer para dar cabo do Hudsonien. Que vergonha. Descrevo com grande detalhe a enorme guilhotina que eles vão usar para o decapitar porque, enfim, gosto muito de cenas descritivas. E no preciso instante em que os Engolidores de Vidas estão a baixar a lâmina, fecho a página.

Não sou capaz.

Não estou pronto para matar o Hudson — o Hudsonien.

Ou para deitar fora a caixa.

Talvez possamos falar sobre o que aconteceu. Encontrar uma forma de encerrar o assunto. De sermos bons amigos.

Quero saber como ele está.

O meu coração bate mais depressa enquanto entro no perfil do Hudson no *Instagram*, @HudsonComooRio. Ele publicou uma *selfie* há uma hora, mas não sei por que motivo a Harriett me disse que ele estava doente, porque me parece estar de muito boa saúde.

Está a fazer o sinal da paz e a legenda é #seguindoemfrente. É muito evidente que o dedo devia estar a espetar para a fotografia.

O Hudson deve saber que deixei de o seguir. Da mesma forma que, por me conhecer suficientemente bem, sabe que vou verificar o seu *Instagram*, já que o perfil não é privado, como o meu. Mas se ele está pronto para seguir em frente, não devia ter problemas em aparecer na escola.

Questiono-me se está de facto a avançar com a vida. Ele disse que o tal rapaz da festa não vive em Nova Iorque, mas talvez tenham uma cena à distância. Às vezes penso que o Hudson devia gostar do Danny que tinha matemática connosco, mas ele jura que o Danny não faz o seu estilo. É demasiado musculado, demasiado obcecado por carros. Talvez seja alguém completamente diferente.

Quero dizer, também posso publicar uma *hashtag* a dizer que vou avançar com a minha vida. O universo não estava definitivamente a tentar ajudar-me hoje, senão estaria neste momento a trocar mensagens com o Arthur em vez de andar a espiar o perfil do meu ex-namorado. Mas o Dylan mexeu-me mesmo com a cabeça. Acordou o romântico que há em mim. Que era exatamente o problema com o Hudson. Quando acabámos, ele disse que as minhas expectativas eram demasiado elevadas e que por vezes sonho demasiado alto. Não entendo por que motivo isso é mau. Porque não havia de querer estar com alguém que me faça sentir digno? Alguém que queira estar comigo para o que der e vier?

Não sei como encontrar estranhos giros em Nova Iorque. Normalmente vejo-os uma vez e pronto. Mas falei com o Arthur. Sei o nome dele. Saiu do perfil do Hudson e escrevo *Arthur* na barra de pesquisa e, quem diria, o universo não coloca o Arthur que conheci no cimo da lista para me facilitar a vida. Não faço ideia se o Arthur tem *Instagram*, mas se for como o resto das pessoas da minha escola, deve publicar todos os detalhes da vida no *Twitter*. Escrevo «Arthur gravata cachorros-quentes», para ver se ele disse

alguma coisa sobre a gravata ridícula. Não aparece nada a não ser um *tweet* sobre um concurso para comer cachorros-quentes onde participou um tipo chamado Arthur, e um pedido de desempate. Escrevo «Arthur Geórgia» e só aparecem coisas sem nexos, como uma rapariga chamada Georgia que está a ver todos os filmes do Rei Artur de enfiada, mas nada sobre o Arthur do Posto dos Correios que veio viver para Nova Iorque durante o verão.

Que seca.

Estamos em Nova Iorque, por isso o Arthur do Posto dos Correios não vai voltar a aparecer na minha vida. Acho que não faz mal. Não é que alguma coisa de jeito se pudesse ter passado entre nós.

Obrigadinho por nada, universo.

NÃO SEI SE SOMOS UMA HISTÓRIA DE AMOR OU SE O NOSSO AMOR É UMA HISTÓRIA.

ARTHUR só vai ficar em Nova Iorque durante o verão, mas ele acredita que isso não é impedimento para conhecer o grande amor da sua vida. Tal como entoam os musicais da Broadway de que Arthur tanto gosta, o universo pode fazer surgir uma paixão a qualquer momento, quando menos se espera...

BEN não acredita no amor. Ele só quer distância das conspirações do universo e dos seus planos secretos. Porque se o universo fosse realmente seu aliado, ele ainda estaria numa relação e não no posto dos correios para devolver todos os pertences do seu ex-namorado.

Um dia, ARTHUR e BEN cruzam-se. Um encontro aparentemente banal dá início a uma história de amor cheia de emoções fortes, percalços, contrariedades e desafios. Mas, afinal, o que terá o universo reservado para estas duas almas apaixonadas? Talvez nada. Talvez TUDO!



«Uma doce história de amor entre dois rapazes muito diferentes, que nunca desistem um do outro.»

Publishers Weekly

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-742-7



9 789896 687427

Literatura Traduzida